

Nº 7 • 6 a 12 de Maio de 1993 • 350\$00

VISÃO

ESPANHA:
A AMEAÇA NUCLEAR



EXCLUSIVO

O MUNDO DE HILLARY

Os 100 dias dos Clinton contados pela advogada do Arkansas que agora ocupa a Casa Branca



ACORES390\$00
MADEIRA370\$00

Emanuelle Seigner,
atriz. E sra. Polanski

CORPO A CORPO

TERESA CARMO

Lua de Mel, Lua de Fel, que se estreia amanhã, dia 7, corre o grande risco de desapontar todos os seus potenciais consumidores. Os seguidores de Roman Polanski, os que vão ver o filme pela pesada carga erótica que as apresentações se esforçarão por fazer passar, e os leitores do original de Pascal Bruckner, que deu que falar e serve de base ao argumento do filme. Polanski submete as personagens a um tratamento de choque que cairia na mais banal vulgaridade, não fora o seu lendário talento de escarafunchar nas feridas, para melhor lhes revelar esse estatuto de carne martirizada. Sobreexposta e delirante.

Como é habitual na sua filmografia, Polanski parte de uma linha clássica para

a inverter por completo, tentando explorar-lhe os limites. Já o fizera com o thriller psicológico (*Repulsa*), o policial (*Chinatown*), o filme de vampiros (*Por Favor não Me Morda o Pescoço*), conferindo a todos um denominador comum: a omnipresença do mal e a subversão dos géneros em que resolve tocar.

BANCARROTA Aqui é o clássico «boys meets girl» que começa por ser o enamoramento feliz até se transmutar na degradação absoluta a que pode chegar a relação de um casal. Ou seja, *Lua de Mel, Lua de Fel* é tanto uma história de amor louco convencional quanto a *Semente do Diabo* é um filme sobre a gravidez, ou o *Inquilino* sobre imobiliária. Então é assim. Oscar (Peter Coyote) conhece Mimi (Emanuelle Seigner) num

autocarro e acredita que é um pedaço de Paraíso o que tem sentado à frente. Ele é um americano em Paris, escritor quarentão à procura daquele não sei quê de europeu que tantos cobiçaram para fazer germinar de vez a sua obra. Como Hemingway, Miller, Scott Fitzgerald. Ela não tem bilhete e quando aparece o cobrador, Oscar passa-lhe o seu, à sorrelfa. Daí à obsessão é um passo, daí ao reencontro acidental é outro ainda menor. À corte segue-se a euforia da descoberta sexual, o início do tédio e o penoso caminho para a bancarrota física e afectiva que atinge extremos de crueldade dificilmente digeríveis por uma câmara diferente da de Polanski. Porque, com efeito, até aqui nada de novo.

O tema do «amour fou», em que os amantes professam até ao absurdo o

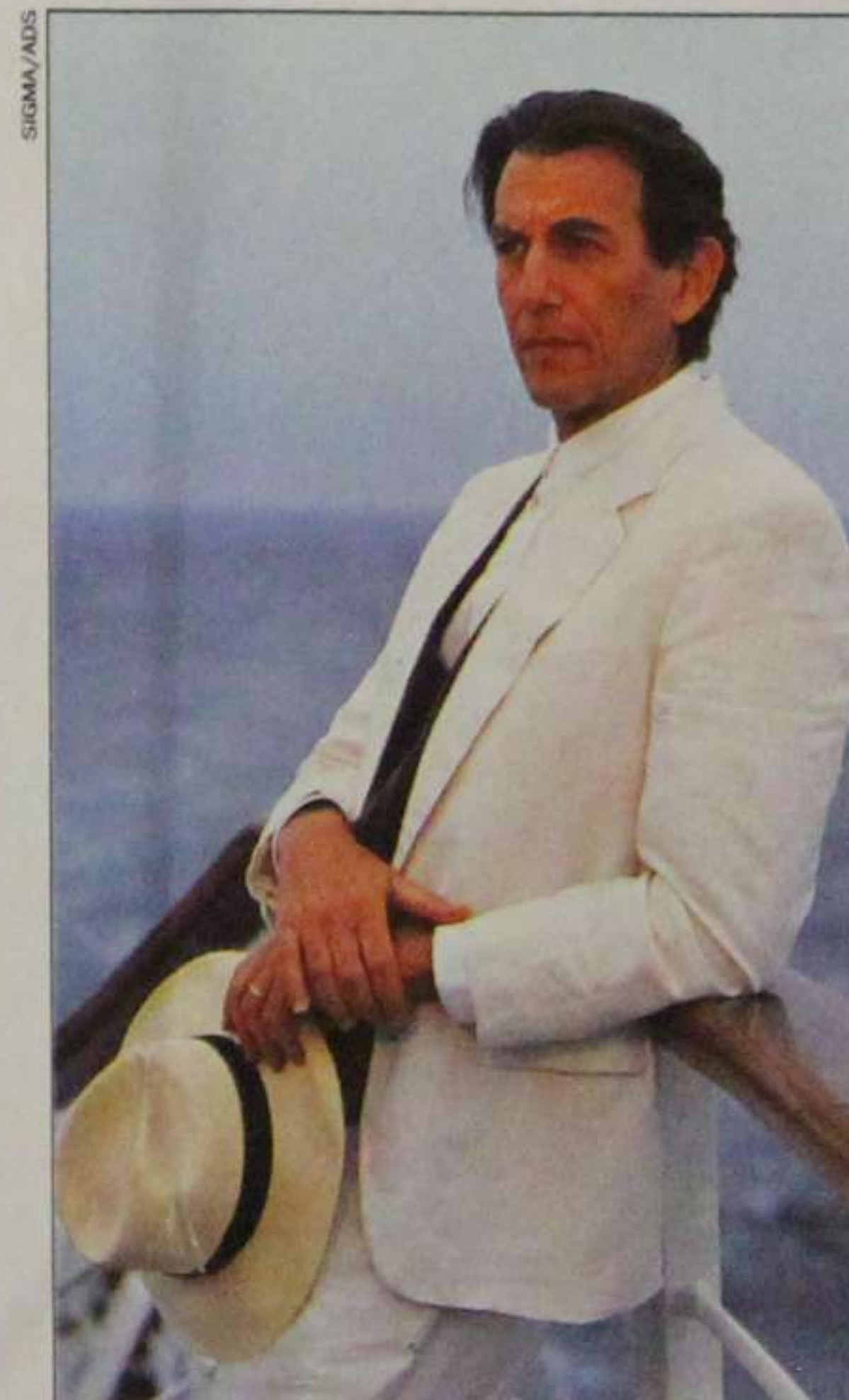
O novo filme de Roman Polanski é violento, fora de moda - e vale a pena

«nem contigo nem sem ti» foi tratado e retratado na história do cinema. Depois daqui, contado tudo ficaria ainda pior. A sucessão de clichés da mais pura faca e alguidar vai conviver com a estafada lógica do flash back; a acção passa-se toda a bordo de um navio de cruzeiro onde o casal se cruza com outro, que será o agente catalisador do negrume daquela relação.

PECHISBEQUE Todo este quase nada de interessante, enferma ainda do brilho do pechisbeque que Polanski empresta à grande maioria dos décors. Paris é um bocadinho postalesca, o barco é falso, Oscar é uma personagem muito vista e Mimi a imagem acabada da ninfa ingénua e gasta que fez tudo demasiado depressa. E, contudo, se houver estôma-

go que não se enrede nas sugestões canelhas do argumento, é um ensaio inteligente sobre os riscos da intimidade física e emocional entre duas pessoas que se desenha. Violento, evidentemente, num clima que chega a ser insuportável. É para isso que a realização usa o «huis clos» até à claustrofobia, é desses crepúsculos lentos que se alimenta aquela patética descida aos infernos. Polanski cria um mundo sem actualidade, em que a morte e o homicídio não são essenciais, porque simplesmente acontece matar ou morrer. Porque nessa dimensão, todos os gestos são imensos e rotineiros, como os ciclos da vida e da morte.

O olhar de Polanski povoa ainda estes corpos intoxicados de sexo até à náusea de um olhar mordaz, severo, que lembra as «estratégias de sedução» que Jean Baudrillard postulava para oitenta. Espirais de vazio que se resolveriam nas tais energias fractais que só algum sentido de resistência pessoal poderia redimir. Para isto «serve-se» o realizador de uma notável entrega dos seus actores, a um ponto visto cada vez mais raramente no cinema que hoje nos atulha os corredores. Pialat e Dutronc conseguem - no em *Van Gogh*, mas quantos mais dos filmes que estão em cartaz? Que é feito dessa qualidade de dar personagens aos actores e não o inverso? Por onde anda a ideia de um cinema que tem ideias a defender, por muito demóde que pareça? Anda envergonhado e por isso sabe ainda melhor a coragem de Polanski. ▀



Peter Coyote faz um Oscar decadente e apalxonado

VISÃO
81

O barco do cinema

Dez dias a acompanhar as filmagens a bordo de um paquete no Mediterrâneo

Actor primeiro, argumentista e realizador depois, Roman Polanski sempre passou para o seu cinema a dimensão trágica e inspirada com que levou a vida pessoal. Os acontecimentos mais que públicos do assassinio da mulher, Sharon Tate, a expulsão dos EUA por alegado envolvimento sexual com uma menor, os sussurros de drogas e boémias rijas que sempre lhe atribuíram, não parecem perturbá-lo particularmente.

A bordo do paquete onde termina a rotação de *Lua de Mel...*, Polanski aparece descontraído e de trato muito mais gentil do que dele rezam as histórias. Apesar dos sinais de evidente cansaço, o ar soma de fuinha com que corrige cada detalhe no plateau, engana bem quem o olha, assim de repente. Por detrás daqueles olhos milimétricos, está uma energia surpreendente e uma atenção insuspeita. E um nariz, sempre. À sua volta, uma equipa que o acompanha há vários filmes. Isso sente-se e é sabido que em equipa que ganha não se mexe. São cerca de trinta e oferecem ao convés a habitual parafernália de walkie talkies e a inflação de bonés de basebol, pelos vistos, comuns a todas as equipas de cinema do mundo.

Entre eles, o destaque vai todo para o director de fotografia, Tonino Delli Colli, colaborador assíduo de Pasolini, Fellini e Leone. É um velhinho castiço, italiano de gema no sotaque arrastado com que fala (quase nenhuma língua), sempre enfiado num boné xadrez que passa directamente para o grande casacão, que lhe cobre boa parte da perna curta. Além de Vangelis (*Chariots of Fire, Blade Runner*), que assinará a banda sonora, mas não está presente. O barco, imponente, doze mil toneladas, tem capacidade para 452 passageiros, seis decks com nomes de divindades gregas (calhou-me o Apolo). Faz lembrar o da inenarrável série *O Barco do Amor...* Seguiremos ao longo de Itália, Jugoslávia, Turquia e Grécia, até Atenas. No filme, o itinerário é algo diferente: Marselha, Nápoles, Atenas, Istambul.

COSMOPOLITA Vão ser dez dias de acompanhamento dos trabalhos, entrevistas e convívio cosmopolita (14 nacionalidades diferentes), em que é possível respirar as condições que originam ▀

CINEMA

Cães Danados

RESERVOIR DOGS
de Quentin Tarantino
com Harvey Keitel e Tom Roth
Lisboa: King (estreia a 14 de Maio)

Foi uma das revelações de maior impacto no último Festival de Cannes, já lá vai um ano, é certo... Um assalto falhado e a tentativa de identificar o elemento que denunciou a operação é quase toda a intriga deste *Reservoir Dogs*. É o modo de a encenar que surpreende. Um *hit-clos* obsessivo, brutal e tenso, passado quase exclusivamente num único cenário, o hangar onde se escondem os sobreviventes do tiroteio. Obedecendo às convenções maiores do fil-



me negro e do thriller, onde o espectador é deserdado do conhecimento dos dados todos, Tarantino consegue aguentar a narrativa no fio da navalha até ao fim. O resultado está recheado de declarações de amor à série B (o sangue corre aos borbotões), aos anos 70 e ao primeiro Scorsese (o de *Mean Streets*). Não é fácil de ver esta farsa despojada e desconcertante. Mas vale a pena. Aposto que não nos vamos esquecer deste nome tão depressa. **Teresa Carmo**

LIVROS

O Tecido do Diabo

MICHEL PASTOUREAU
Ed. Estampa, 1992
116 págs., 1600\$00

Desconheço se andar com roupa de riscas está na moda, ou não. Ou se as riscas horizontais são mais sexys do que as verticais, mas o certo é que há alguns séculos atrás desconfiava-se que elas eram símbolos do Diabo. Michel Pastoureau, com a paciência de um Santo, decidiu perceber as razões que levaram a isso. Diz ele: «No Ocidente medieval, numerosos são os indivíduos — reais ou imaginários — que a sociedade, a literatura

michel pastoureau
O TECIDO DO DIABO
uma história das riscas
e dos tecidos listrados



desleal dos romances da Távola Redonda, pelo insensato do Livro dos Salmos ou pela personagem de Judas.»

No Renascimento houve uma ideia genial: criaram-se as riscas «boas» e as «más». A Revolução Francesa fez das riscas a sua bandeira, como se estivesse a dar a bênção a todos os que tinham sido transgressores da ordem. Nos primeiros 20 anos do nosso século, a risca tornou-se o must da moda. Quem não se lembra das imagens das praias cheias de veraneantes de fatos de banho às riscas, como se fossem presidiários em liberdade condicional? É toda esta evolução que Pastoureau conta e, aqui e ali, não resistimos a uma sonora gargalhada face àquilo que descreve. Mas, acima de tudo, este é um livro sério, apesar de o autor concluir que «demasiadas riscas acabam por enlouquecer». Compreendemos perfeitamente. Porque, se não fosse assim, por que é que Obélix nunca mais foi o mesmo depois de vestir as suas calças de riscas? **Fernando Sobral**

D. Leonor de Távora: O Tempo da Ira

D. LUIZ DE LENCASTRE E TÁVORA
Quetzal Editores, 1993
194 págs., 2000\$00

Ela está fechada numa cela cinzenta e silenciosa. Sabe que vai morrer, e que o seu nome será apagado como se nunca tivesse existido. Chama-se Leonor de Távora, e esse Inverno de 1759 é o Tempo da Ira.

Isolada do mundo, proibida de escrever, a família dispersa por celas de outros conventos, D. Leonor recorda. É essa memória que este livro reconstrói — a história de como o poder absoluto levou os Távoras à tortura e à morte pública, numa manhã em Belém, com o Marquês de Pombal a assistir.

Na véspera desse dia está, então,

ou a iconografia dotam de vestuário listrado, desde o judeu e o herético até ao bobo ou ao jogral, passando não apenas pelo leproso, o carrasco ou a prostituta, mas também pelo cavaleiro

D. Leonor, sentada na cela, a olhar para a roupa que lhe trouxeram, a roupa com que será morta. E lembra-se do seu vestido de casamento. Tinha quase 18 anos, os olhos azuis enormes, os lábios vermelhos, o cabelo loiro e rebelde, «o corpo musculado da equitação e do baialado». O noivo chamava-se D. Francisco Assis «o primo, tão belo», tenente promissor. Era o Tempo de Semear. Casam, têm filhos. D. Francisco é nomeado vice-rei da Índia. Partem, é o Tempo da Glória.

O filho mais velho dos Távoras combate ao lado do pai, deixou a mulher em Lisboa. É por essa jovem caprichosa que el-rei D. José se há-de tomar de amores. E quando a família regressa da Índia, toda a nobreza cochicha o romance pelos salões. Começa o Tempo da Vergonha.

A intriga completa-se rapidamente. Os Távoras não baixam a cabeça perante o rei. D. José irrita-se. Ao seu lado está Sebastião José de Carvalho e Melo, mais tarde Marquês de Pombal — o homem mais poderoso da corte: «era novo e sobre o baixo, de feições severas marcadas pelas bexigas, de traços correctos, lábios muito finos e olhos pequenos de grande vivacidade.»

É esse ministro o único que o rei consegue contactar no dia do terramoto, com Lisboa a arder no meio das ruínas.

Começam os anos do poder absoluto. Uma noite, D. José sofre um atentado, quando voltava de uma visita à sua amante. Sobrevive, furioso. E os nobres nomes não-de ser perseguidos, acusados de



conspiração. É o processo dos Távoras, como ficou para a História, onde as sentenças foram assinadas antes de a defesa poder falar.

Entre os Tempos que D. Leonor recorda, estão as cartas de um abade imaginário, espião de um parente francês dos Távoras, que vai contando o estado do reino — a perseguição aos jesuítas, o julgamento dos nobres com poder a mais para o gosto do Marquês, e o final... a morte horrenda, à beira do Tejo. O autor, D. Luiz de Lencastre e Távora, era especialista em Genealogia e Heráldica. Tinha este livro na ideia há muitos anos. Morreu pouco depois de o ter terminado. **Alexandra Lucas Coelho**

Ecologia

JOÃO JOANAZ DE MELO
CARLOS PIMENTA
Difusão Cultural
191 págs. 2200\$00



O ambiente tornou-se notícia e, por acréscimo, os meios de comunicação começam a fazer uso e abuso de termos como «biodiversidade»; «CFC»; «ozono»... A juntar à linguagem que é necessário dominar vieram tam-

bém as datas, os acidentes, as listas de produtos tóxicos... E, como é óbvio, resta-nos ainda a grande questão: em Portugal como é que vamos de ambiente? A estas e outras questões pretende responder este livro. É dedicado às Associações de Defesa do Ambiente «porque existem».

Afirmam-no João Joanaz de Melo, um engenheiro do Ambiente muito ligado ao movimento ecologista português, e Carlos Pimenta, que, entre 1983 e 1987, ocupou cargos governativos na área do Ambiente e dos Recursos Naturais, logo, dotado de experiência política mais do que suficiente para saber que sem um forte e bem fundamentado movimento associativo não há política de Ambiente que nos valha.

Este livro certamente não tornará mais fortes as associações e, a muitas delas, nem trará nenhuma informação que anteriormente desconhecêssem. O que não quer dizer que esta obra não fizesse falta. Fazia, e a sua leitura recomenda-se, pois condensa e torna acessível muita informação geralmente só consultável em publicações de carácter técnico. Por outro lado, não se limita a inventariar e historiar o que está bem ou mal no ambiente em Portugal: apresenta alternativas e tece críticas. É, assim, um manual indispensável a quem se preocupa com as questões ambientais que tem ainda a inestimável virtude de revelar ao grande público um técnico com trabalho nas associações de ambiente, João Joanaz de Melo, e de provar que Carlos Pimenta, quer no Governo onde esteve, quer no Parlamento Europeu onde está, aposta em fazer do Ambiente a sua razão política de existir. Ou, segundo alguns pontos de vista, de não ser esquecido. **Pedro Dordio**

REVISTAS

Mondo 2000

N.º 9, 5,95 dólares, 128 págs.

Para Bruce Sterling, autêntico pai do cyberpunk, esta é «a aliança entre o mundo técnico e o underground da cultura pop». Se assim é, e quem somos nós para duvidar, a revista *Mondo 2000* é o *Pravda* da revolução cyber. Para um dos seus editores, as verdades a que os leitores da revista devem ter direito são basicamente quatro: a informação deve ser livre; devemos promover a descentralização; o acesso a computadores deve ser ilimitado; e DIY (faça você próprio).

Olhando para a revista, a alucinação torna-se individual: o grafismo das páginas joga com as cores de choque, os textos são provocatórios. Lá pode-se encontrar uma entrevista com os músicos Lydia Lunch ou Genesis P-Orridge ou ler textos de William Gibson (um dos mais conhecidos escritores cyber), ao lado de artigos sobre criadores, sobre alimentação ou sobre sexo. Tudo muito virtual, como se o



LSD fosse um sucedâneo de uma tablete de chocolate. De qualquer maneira a *Mondo 2000* já se tornou uma Bíblia para uma nova geração de revistas americanas e europeias que lhe pilham os conceitos gráficos, mas que não conseguem a sua irreverência.

Fascinante como poucas, esta revista é a síntese destes tempos em que a cultura pop urbana recupera o passado psicadélico e lhe adiciona a tecnologia dos computadores. Se lhe quiserem chamar revista «contracultura» é com vocês. Agora que ela é uma loja de novidades únicas, disso não tenho dúvidas. **Fernando Sobral**

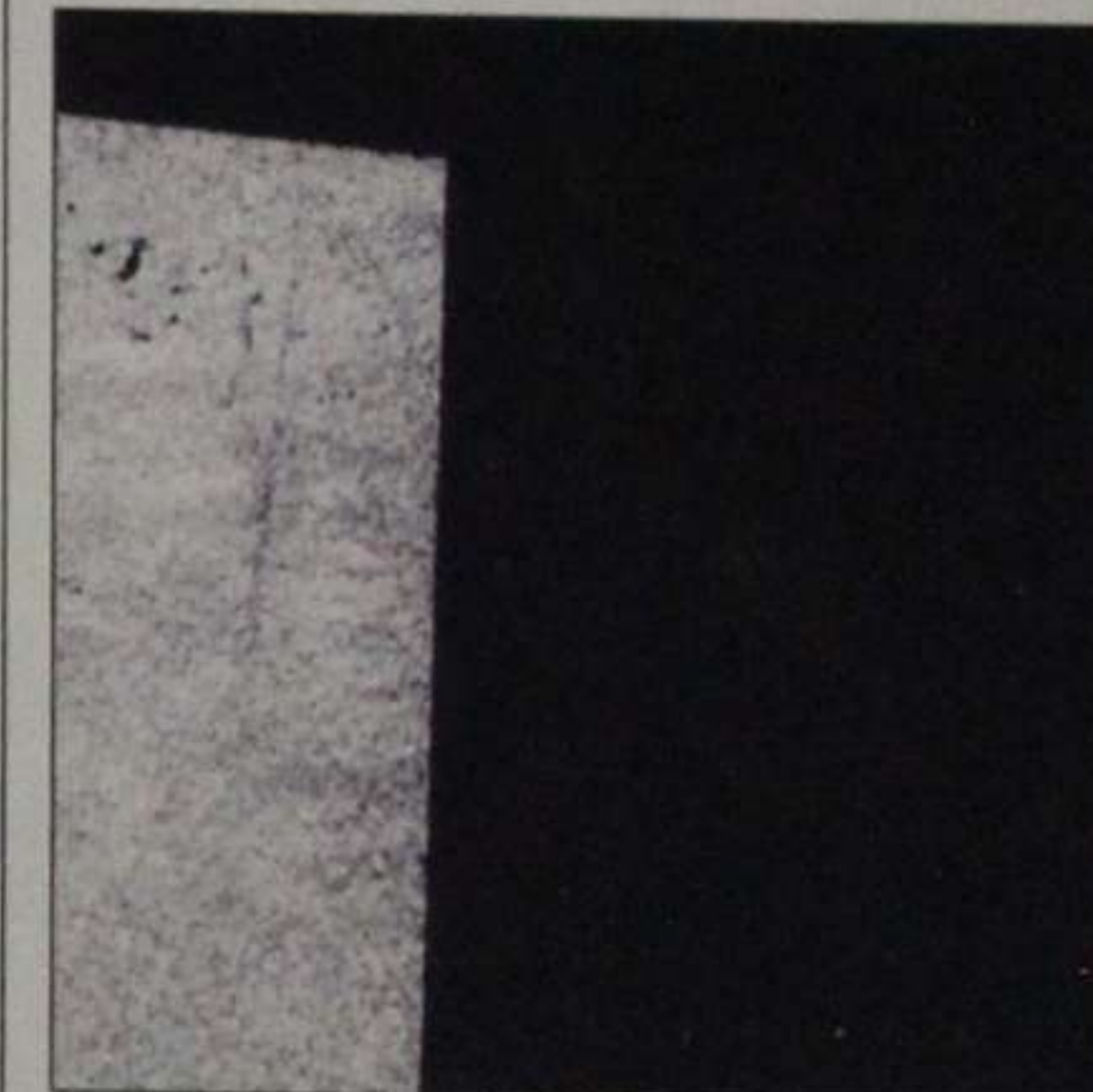
ARTES PLÁSTICAS

Fernando Calhau

Galeria Cómicos
R. Tenente Raul Cascais, 1B

Não poderei falar das obsessões de Fernando Calhau, só poderei falar diante destes 22 desenhos abstractos. Não vejo neles nenhuma citação próxima ou longínqua do retrato de Alexandre de Médi- cis do Museu de Arte Antiga, como afir-

ma no *Expresso*, J. L. Porfírio. Acho abusivo da parte da crítica delirar diante da sobriedade e do «quase-nada» destes desenhos. Estes trabalhos parcos e sóbrios não ilustram nada. São exercícios analíticos que se enquadram dentro da tendência minimalista e conceptualista e como tal é daí, e por essa via, que eles valem e se dão a ver como fractalidade gráfica. Pretender ver mais do que lá está, não contribui em nada para levar mais pessoas aos museus e às galerias. O que anima estas errâncias gráficas é a *decepção* e não o *fait-divers* romântico, ou o realismo de uma *mini-alusão* a uma exterioridade que estes desenhos não suportam e que dela não precisam para nada.



A consistência da mancha e a depuração dos esboços podia dever-se aos estudos de Josef Albers, que foi o primeiro a criar composições seriais em 1926. Tal como o trabalho de Le Witt, os desenhos de F. Calhau não pretendem reproduzir o movimento da realidade, à maneira das construções cinéticas de Victor Vasarely.

Fernando Calhau, e ainda bem, não me parece fazer arte para popularizar a significação, mas estará mais interessado, como Le Witt, no movimento potencial e virtual da visualização mental deposta no desenho. As suas construções mentais, materializadas na traça deixada no papel, apontam para restos visuais, ou subtrações que se dão a ver como *Ruína*, «less is more». São trabalhos que deixam escapar de si marcas e indícios de uma intervenção manual minimalista, cuja pertinência não deve ser procurada do lado de uma qualquer transcendência sumptuosamente designada. Desenhos finalmente pobres, ligados aos valores ténues da gradação dos sombreados. Desenhos do «quase-nada». O que ressalta e brilha neles é-o por efeito de intermitência. O que é repetido é forçosamente descontinuo. Estes 22 desenhos não se somam uns aos outros, não reconstituem nada, são exercícios metodistas do olhar, o ritual do contrato do desenhador. **Emídio Rosa de Oliveira**